

Por isso aquela parte do programa de Organização e Administração de Bibliotecas relativa aos critérios, instrumentos e métodos indispensáveis à formação de coleções bibliográficas, iconográficas, discográficas, cinematográficas, etc., constituiu-se em disciplina obrigatória de qualquer curso de Biblioteconomia que se preze. Só não faz parte do nosso currículo mínimo porque este já nasceu com o destino daquele fruto de que fala Manuel Bandeira: “fruto sem cuidado que ainda verde apodreceu”.

O livro de David Spiller, publicado em 1971 e atualizado para a edição atual, se inscreve entre os melhores da já extensa bibliografia sobre a matéria. Pretendendo ser apenas uma introdução, ele trata com inteligência e competência de todos os problemas da seleção de materiais bibliográficos e não bibliográficos.

O autor é muito conhecido e estimado no Brasil, como bibliotecário do Conselho Britânico, admirável e prestimosa organização que divulga mensalmente uma das melhores bibliografias críticas do mundo:

### **British Book News.**

Sendo particularmente útil aos bibliotecários ingleses, o livro de David Spiller interessa aos brasileiros na parte conceitual — concentrada nos primeiros capítulos — e, **mutatis mutandis**, também na parte prática. É leitura essencial tanto para professores da matéria como para os bibliotecários que fazem a seleção, exercendo, como dizia Jorge Luis Borges, a arte da crítica: “Ordenar bibliotecas es ejercer, de un modo silencioso y modesto, el arte de la crítica”.

**EDSON NERY DA FONSECA**

Faculdade de Estudos Sociais Aplicados  
— Universidade de Brasília

THOMPSON, James. **Library power: a new philosophy of librarianship.**  
London, Clive Bingley, 1974. 111 p.

“As bibliotecas são tão importantes que não podem ser dirigidas por bibliotecários do tipo que conhecemos.” [...] “Como guardiães, os bibliotecários parecem sentir-se mais intimidados do que inspirados pelo acervo que acumularam.” [...] “É preciso que na organização de pessoal das bibliotecas haja um corpo administrativo e que não seja ele formado de bibliotecários”. (\*)

---

\* As autoridades encarregadas há alguns anos de indicar os diretores da biblioteca do British Museum e da Library of Congress, não encontrando candidatos suficientemente qualificados entre os bibliotecários, designaram um funcionário público (**civil servant**) para a primeira e um poeta para a segunda. E a ação posterior de ambos não foi considerada irrelevante.

O autor dessas afirmações é o **bibliotecário** inglês James Thompson, autor de um fascinante mas discutível livro — **Library Power** — dedicado ao estudo do poder que a biblioteca deve exercer no processo civilizatório. Ele explica: “O poder que as bibliotecas representam é tão mal compreendido pelos bibliotecários que eles o exercem de modo bem inferior ao que deveria ser, bem como a imagem que criam de si próprios funciona diretamente contra os melhores interesses da biblioteca”.

Thompson apóia-se amplamente nas idéias (radicais algumas) de bibliotecários como Shera, Broadfield, Bengé, Vagianos, Dawes, Ranganathan e outros, assim como nas do filósofo Ortega y Gasset (que em vida foi até conservador, mas cujas concepções sobre a missão do bibliotecário talvez sejam a primeira sublimação filosófica dos ideais da Biblioteconomia como parte das ciências sociais).

Cita Eldred Smith, que encontra no excessivo apego aos processos “técnicos” e às normas burocráticas, a esse enfoque de “zelador” praticado com zelo pelo bibliotecário, à sua incapacidade de distinguir entre o que é atividade auxiliar e o que é realmente profissional, causas para duas sérias consequências: a proletarização dos salários e o excesso de mulheres na profissão, as quais aceitam salários “módicos”. Com a liberação da mulher, a expectativa é de que haja competição em vez de conformismo.

A falta de cultura geral e de educação continua alia-se a outro mal endêmico: um estudo recente demonstrou que a profissão (há quem ponha em dúvida que seja uma profissão) não atrai os melhores estudantes e não consegue tampouco conservar os poucos inadvertidos, com exceção dos missionários.

Os apelos mais dramáticos têm sido formulados por pessoas alheias ao setor, como Lorde Goodman, que acha que os bibliotecários não souberam até agora promover a sua imagem, embora a missão social que lhes foi confiada seja digna de maior respeito público. Dawes explica essa incompetência pelo fato de a maioria dos bibliotecários não dispor de uma filosofia, de não terem uma imagem clara de si próprios ou simplesmente terem uma imagem equivocada.

Destinadas a atender toda a população as bibliotecas transformam-se em casas “respeitáveis” e até aristocráticas, onde os bibliotecários não têm paciência com os recém-alfabetizados, que são os que mais necessitam de seus serviços, dedicando-se a promover o prestígio das bibliotecas mediante o apoio aos leitores mais brilhantes e mais bem dotados. Esses males não foram observados apenas nos países do terceiro mundo. Thompson e os autores que cita encontram-nos nas nações já em plena revolução pós-industrial.

O polêmico livro de Thompson engloba quase todos os aspectos da Biblioteconomia com uma capacidade de concisão incrível (apenas 111 páginas, sem índice, infelizmente), partindo desde as origens das bibliotecas até aos exercícios de futurologia. No entanto, os exemplos tomados estão mais ligados às bibliotecas universitárias e, principalmente, ao papel que a biblioteca pública deveria exercer como centro cultural. As bibliotecas devem transformar-se se não quiserem desperdiçar esse “poder”, se realmente aspiram a converter-se em **poderosos** instrumentos para a transformação social e política da sociedade. As bibliotecas, na impressão um tanto idealista de Thompson e Shera, existem pela devoção à liberdade de pensamento, embora Dawes as considere como instituições atreladas aos valores da classe média, o que é, aliás, um problema mais da esfera do sistema como um todo do que da Biblioteconomia em particular.

Cita fórmulas e experiências nas quais as bibliotecas exercem esse poder livre de toda censura e até subversivamente, mas reconhece (Dawes) que devido ao fato de a biblioteca ser (geralmente) uma instituição oficial e o bibliotecário uma espécie de funcionário público, ela (a biblioteca) continua existindo exatamente porque não transcende os interesses nacionais.

Seja como for, Thompson acredita que a biblioteca ainda é o lugar onde o indivíduo pode buscar as respostas para a sua própria edificação interior contra o impacto massificador do processo alienatório dos meios de comunicação de massas e até mesmo do sistema formal de educação tradicional. Felizmente, a “educação formal” inclina-se cada vez mais a promover o indivíduo pelo estímulo orientado ao autodidatismo. E a biblioteca tem a desempenhar um papel fundamental nesse treinamento liberal.

Mas Thompson acha que o bibliotecário está despreparado para exercer esse poder, poder esse que tem ramificações ainda mais profundas. Para citar um exemplo, nos países industrializados as bibliotecas compram até 50% dos livros colocados no mercado (excluindo as brochuras), mas as relações com os livreiros são tímidas e adversas, sem condições de influir positivamente na produção de livros, de acordo com os interesses dos usuários e do próprio fluxo de informação, como propôs Ortega y Gasset. Influência que seria fundamental à tão cacarecada explosão da informação, a qual J. Martyn chama de “explosão de papel” devido ao fato de que o aumento de produção não significa necessariamente aumento substancial de informação.

O remédio prescrito por Thompson contra os males da Biblioteconomia é radical: criar senão a própria filosofia pelo menos uma filosofia

para as escolas de Biblioteconomia. Essa filosofia deve basear-se firmemente no reconhecimento total do poder das bibliotecas, ou qualquer outro nome com que venham a chamá-las no futuro. Como atualmente os bibliotecários parecem mais interessados em gastar energia em rotinas estéreis e não na atenção aos usuários, ele acha perigoso dar a esses mesmos bibliotecários a direção das bibliotecas. Fomenta o resgate da profissão das mãos de indivíduos fossilizados no emprego inadequado de "técnicas" e pela carência de vocação profissional legítima. Moralismo cristão?

Essa messiânica disposição levou-o a elaborar um plano de conquista de Jerusalém para expulsão dos vendilhões do templo. Somente uma elite deveria ser considerada como de bibliotecários. Atividades comuns, como aquisição, catalogação e circulação de livros, entre outras, seriam da incumbência de pessoal auxiliar (80% dos empregados), cabendo ao "novo" bibliotecário a supervisão dessas atividades, a seleção de materiais bibliográficos e não-bibliográficos e a interação com o público nas funções de informação. A conseqüência seria uma organização mais democrática nos seus objetivos e mais econômica na sua execução, pois, no seu entender, a biblioteca deve ser organizada para atender a comunidade e não para benefício dos bibliotecários.

E mais, o bibliotecário deve sair a caçar leitores em vez de se esconder, catalogando livros. Cada não-leitor é uma prova do fracasso da instituição. Nos países em desenvolvimento o problema é ainda mais crucial, exigindo do bibliotecário uma missão mais envolvente e decisiva.

Em resumo, **Library Power** é um livro extraordinariamente fluído e descontraído, quando a maioria dos livros sobre Biblioteconomia são pedantes ou pesados. Iconoclasta, no bom sentido do termo, conduzido num nível sério e bem estruturado do ponto de vista da coordenação das idéias. Deve ser lido por quem, sem aspirações masoquistas de nenhum quilate, queira exercitar-se nas artes da autocrítica. Depois do surpreendente carão passado nos bibliotecários brasileiros pelo Prof. Havard-Williams, nesta mesma revista, recentemente, um exame de consciência deveria ser realmente exercido (se não exorcizado) por quem pretenda entregar-se ao exercício do poder divisado por Thompson para as bibliotecas como instrumento para o desenvolvimento espiritual e material da comunidade.

**ANTONIO MIRANDA**

Loughborough, Grã-Bretanha